

Las Derechas: the extreme right in Argentina, Brazil and Chile, 1890-1939 (Sandra McGee Deutsch). Stanford (Califórnia): Stanford University Press, 1999.

Sandra Deutsch é uma conhecida estudiosa da história argentina e, especialmente, da história da direita nacionalista desse país nas primeiras décadas do século XX. Esse seu último trabalho representa um esforço de romper as amarras temporais e geográficas dos seus textos anteriores, abarcando um arco temporal maior e ampliando os limites geográficos do seu estudo para abranger a direita radical de três dos principais países da América do Sul, a saber, Brasil, Argentina e Chile.

Nesse sentido, seu trabalho começa no final do século XIX, abarcando as Ligas Patrióticas Chilenas, os jacobinos no Brasil e os “vigilantes” argentinos. Num segundo momento, ela estuda as “Ligas” patrióticas e nacionalistas que se desenvolveram nos três países nas décadas de 10 e 20 para culminar, finalmente, com um longo trabalho analítico sobre os grupos de extrema direita dos anos 30, a saber, os nacionalistas argentinos, os nacistas chilenos e os integralistas brasileiros. O resultado final é um excelente panorama sobre o tema, há muito necessário para os estudiosos da extrema direita na América do Sul.

O trabalho de história comparativa feito pela autora evidencia todas as vantagens dessa vertente historiográfica. Evidentemente, um trabalho de história comparativa não é uma resposta final e definitiva para todos os problemas e parece pouco provável que ele efetivamente possa fazer algo mais do que colaborar na sua identificação. Nesse aspecto, contudo, a história comparativa é insuperável, permitindo que elementos que antes pareciam específicos de uma realidade se revelem comuns a várias, enquanto o que parecia geral pode ser matizado pela análise de experiências particulares.

Nesse sentido, podemos acompanhar alguns padrões na história da direita autoritária desses países no período estudado, como o despertar do nacionalismo, o desencanto com o capitalismo liberal, a crítica aos modelos estrangeiros, etc. Outras similaridades impressionam, como a participação de descendentes de alemães e italianos tanto entre os nacistas chilenos, como entre nacionalistas argentinos e integralistas brasileiros (indicando um padrão onde esses movimentos eram vistos como um canal de expressão política de grupos postos relativamente à margem pelo sistema político tradicional desses países) ou a incapacidade desses movimentos em atingir o poder, em boa medida, pela

mentos em atingir o poder, em boa medida, pela habilidade das elites conservadoras em manter o controle da situação e apresentar opções menos radicais do que a extrema direita.

Ao mesmo tempo, a autora não perde de vista a situação particular de cada país. Questões como a composição e a força diferenciada das classes tradicionais, o nível de apoio da Igreja à extrema direita (maior no Brasil e, especialmente, na Argentina e menor no Chile) e outras são discutidas com precisão, o que demonstra o cuidado da autora em não permitir que análises mais amplas como a que ela pretende fazer sufoquem as especificidades locais.

Outro ponto do livro que merece destaque é o seu esforço em integrar os diferentes períodos históricos, tradicionalmente vistos como compartimentos estanques. Realmente, uma característica de muitos trabalhos de história política que sempre nos espantou é a visão do processo histórico como segmentado. O Integralismo, por exemplo, é normalmente estudado dentro do período 1932-1938, com poucas referências seja aos movimentos e idéias que deram origem a ele ou, o que é ainda mais grave, sem acompanhar como tanto as idéias integralistas, como as pessoas influenciadas por elas (que não desapareceram no ar em 1938) influenciaram a política brasileira nos anos seguintes. Sandra Deutsch é extremamente cuidadosa nesse aspecto, demonstrando as ligações entre os grupos de extrema direita do período pré-Primeira Guerra Mundial com os grupos nacionalistas dos anos 20 e os movimentos fascistas dos 30. O período pós-Segunda Guerra Mundial foge dos limites do livro, mas ela não deixa de fornecer importantes informações sobre o legado destes movimentos e homens para a história posterior das três sociedades. Um exercício necessário e que mereceria ser seguido.

Os limites do livro, contudo, também oferecem margem a críticas. Sua delimitação temporal talvez pudesse ser ampliada, como visto acima, para abarcar a história da direita na região antes de 1890 e, especialmente, no período posterior, mas a opção da autora é aceitável do ponto de vista prático e também do analítico, pois este foi o período-chave da história da direita radical, não só na América Latina.

Já do ponto de vista geográfico, a situação se complica. A direita radical foi uma experiência de todo o mundo ocidental, abarcando não apenas o continente europeu e o americano, como até mesmo a Austrália ou a África do Sul. E mesmo dentro da América Latina, qual a justificativa para escolher o Chile e não o Uru-

guai, ou a Argentina e não o Peru? O problema da praticidade e dos limites do historiador são evidentes e as justificativas da autora para escolher as nações do ABC para seu estudo são aceitáveis (seriam os três principais países da América do Sul, com governos militares até há pouco e fortes movimentos de direita no período considerado e com semelhanças e diferenças que fazem valer a pena o recurso à história comparativa). No entanto, talvez valesse a pena introduzir alguns elementos, sem perda da especificidade do trabalho, de outras realidades latino-americanas e mesmo de fora da América Latina para garantir uma maior riqueza às análises. Faltou, também, aprofundar um pouco o problema dos laços entre os vários movimentos de extrema direita estudados. Como a própria autora salienta, contudo, talvez isso fosse escrever um outro livro e não há como exigir isto dela.

A organização do livro também mereceria uma revisão. A autora divide, como vimos, o texto em três grandes partes cronológicas, cada qual com um capítulo para cada nação. Em cada capítulo, por sua vez, são abordados invariavelmente as articulações e pensamento da direita, o problema dos trabalhadores e da esquerda, a questão dos militares, da Igreja e dos conservadores e, por fim, dos imigrantes e das mulheres. Temas relevantes, sem dúvida, mas essa maneira de organizar o livro leva a uma repetição constante de informações e, apesar de facilitar a leitura das experiências nacionais, impede uma visão mais homogênea do conjunto. Talvez uma divisão por tópicos e não por países tivesse tornado o trabalho mais ágil no ponto de vista do leitor. Do mesmo modo, as contínuas referências ao problema das mulheres nesses movimentos nos parecem mais adequadas à realidade historiográfica americana do que à brasileira e, talvez, sejam desproporcionais, pois, sem menosprezar o papel feminino neles, ele era efetivamente menor (dada a ideologia desses movimentos e a menor participação das mulheres na política formal naqueles anos) e não parece que a história de gênero traga grandes colaborações para o aumento de nossos conhecimentos nesse tema específico.

Por fim, deve-se ressaltar sua proposta de que a direita argentina foi a que mais influenciou os destinos do seu país no período pós-Segunda Guerra. É uma conclusão interessante e que não deixa de espantar, pois a direita radical argentina era muito menos popular do que, por exemplo, a brasileira nos anos 30 e, ao contrário do Brasil, o Estado de direito argentino continuou funcionando (apesar do domínio da oligarquia) nesses anos, ao menos até o golpe de 1943. Segundo a autora, foi justamente essa força das elites que impediu os nacionalistas argentinos de formarem um partido próprio

nesses anos e os levou a serem cooptados pela direita moderada. Isso teve efeitos relevantes nos anos seguintes, pois o pensamento da direita radical pôde se espalhar mais facilmente tanto dentro da direita moderada como entre os militares e o clero, garantindo, assim, uma sólida influência deste pensamento dentro dos governos militares, e também civis, que governaram a Argentina até 1982, o que não teria se repetido nem no Brasil e nem no Chile.

É difícil não concordar com a conclusão da autora, mas fica em aberto o problema da participação dos ex-integralistas na política brasileira no pós-1945. Como já ressaltado, a historiografia brasileira não trabalhou exaustivamente o problema e parece um filão de pesquisa imprescindível se queremos compreender corretamente tanto os pressupostos ideológicos do golpe de 1964, como caráter do regime que surgiu naquele momento. Não parece, efetivamente, que os ex-integralistas tenham fornecido a base ideológica do regime de 1964 (longe disso), mas Salgado, Reale, Padilha, Gallotti e muitos outros ex-integralistas influenciaram, em alguma medida, o pensamento do regime¹, o que indica como esse tópico mereceria efetivamente uma atenção especial por parte de um pesquisador², complementando as informações levantadas por Deutsch no presente trabalho.

Nesse sentido, podemos concluir que o livro de Sandra Deutsch é uma colaboração de imensa importância para o estudo da direita radical latino-americana, mas que ele deve ser considerado não o fim, mas o início de um longo trabalho historiográfico que nos permita compreender melhor esse pensamento e essa prática política que tanto influenciaram a história do Século XX, e não apenas na América Latina.

João Fábio Bertonha*

¹ Outras indicações de que este é um tema que merece ser estudado estão nas declarações do próprio Plínio Salgado sobre o governo Médici ("Estamos no poder") e nos cálculos do ex-integralista Gerardo Mello Mourão de que três presidentes, 123 deputados e senadores e um incontável número de diplomatas, oficiais militares e intelectuais do período pós-1964 estavam imbuídos do ideal integralista. Ver MOURÃO, Gerardo Mello. "Quem tem medo de Plínio Salgado?". *Folha de São Paulo*, São Paulo, 3/5/1995.

² O único texto relevante sobre esse tema que conhecemos é TRINDADE, Héglio. "O radicalismo militar em 64 e a nova tentação fascista". In: D'ARAÚJO, Maria Celina e SOARES, Gláucio. *21 anos de regime militar: balanços e perspectivas*. Rio de Janeiro: Editora da Fundação Getúlio Vargas, 1994, p. 123-141.

* Doutor em História pela UNICAMP e Professor de História Contemporânea na Universidade Estadual de Maringá, Paraná, Brasil.